



# 7 Poemas inéditos – Rodolfo Alonso

TRADUZIDOS POR  
ANDERSON BRAGA HORTA

Uma poesia que não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram: assim é a de Rodolfo Alonso. Poesia que tenta exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular, impondo-se uma concisão que chega à mudez: *Hay cosas que ni digo*. E que, por isso mesmo, se julga com severidade: *¿Para salvar / un minuto / escribo / en lugar de vivir?*

Em verdade, escrever, sob tamanha exigência, é um ato de vida, liberta de violências, mistificações e compromissos. E restaura a vida essencial, captando o que, na sucessão do tempo, nem é percebido pelos que têm gula de chegar a um ponto inexistente. Rodolfo Alonso observa, por exemplo, uma cicatriz. Aparentemente, é uma obra acabada da natureza. Mas, por baixo dela, o poeta descobre o fogo central da chaga, permanente, a consumir e alimentar. *La herida ya no sabe si existe. Sólo la cicatriz, pero viviente, zumba y resiste, negándose a morir, negándose a vivir.*

Talvez que a ambição deste poeta – como saber ao certo a ambição da poesia? – seja trazer para a vida de todos os dias o fogo de uma chaga viva de amor, ardendo no maior silêncio de compreensão.

Carlos Drummond de Andrade (1968)

Rodolfo Alonso (Buenos Aires, 1934) é uma das vozes mais reconhecidas da poesia latino-americana contemporânea. Publicou mais de 20 livros, incluindo também ensaio e narrativa. Primeiro tradutor de Fernando Pessoa na América Latina. Desde muito jovem, é o mais ativo tradutor de grandes poetas brasileiros ao castelhano, começando por seus amigos Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, e culminando entre outros com Manuel Bandeira e Olavo Bilac. A Thesaurus publicou em Brasília sua *Antologia pessoal*, bilingüe. A Academia Brasileira de Letras acaba de outorgar-lhe suas Palmas Acadêmicas.

## Dones para donar

*Te doy lo que me dieron:  
aquel sagrado olor  
a la tierra mojada,  
y esa voz que es el viento  
entre las ramas altas.*

*Devuelvo lo que tuve:  
los árboles hermanos,  
las flores que modula  
la niebla, el grillo, el pájaro  
cantando en la garúa.*

*Ni herencia, ni legado.  
Sólo pasión y tiempo.  
La intensa vida, el aire,  
la mañana radiante  
y cielos en los ojos.*

*No nos llevamos nada.  
¿Es que lo merecimos?  
La llama del instante,  
colores en el sol,  
el crepúsculo juntos.*

*El fuego de la hoguera  
donde vamos ardiendo.*

*¿Y veo lo que me ve?  
En el momento justo,*

## Dons para dar

O que me deram dou-te.  
Dou aquele sagrado  
cheiro a terra molhada  
e essa voz que é o vento  
por entre as ramas altas.

Quanto tive devolvo:  
as árvores irmãs,  
as flores que modula  
a névoa, o grilo, o pássaro  
cantando na garoa.

Sem herança ou legado.  
Tão-só paixão e tempo.  
A intensa vida, o ar,  
a manhã radiante  
e a celagem nos olhos.

Nada levamos, nada.  
É o que merecemos?  
A chama do momento,  
colorações no sol,  
o crepúsculo juntos.

O fogo da fogueira  
em que vamos ardendo.

E vejo o que me vê?  
No exato instante, o liso,

*el liso resplandor  
del neto mediodía  
sobre una mesa blanca*

*y frutas entonadas  
como parientes próximos:  
la luz, la gama, el iris,  
limones con bananas  
y la manzana verde.*

*En la lluvia cabemos,  
instantáneos, de pronto,  
íntimos y gregarios,  
cercaos y distantes.  
La lluvia es nuestro templo.*

*La canción evidente,  
la palabra encarnada,  
lo que llegó de afuera  
porque sonaba dentro.  
¿O es que no somos, lengua?*

*Y el fuego de la especie,  
horizonte y pasado.*

o claro resplendor  
do meio-dia nítido  
sobre uma mesa branca

e frutas entoadas  
como parentes próximos:  
a luz, a gama, o íris,  
bananas com limões  
e com a maçã verde.

Cabemos bem na chuva,  
instantâneos, de súbito,  
íntimos e gregários,  
próximos e distantes.  
A chuva é nosso templo.

A canção evidente,  
a palavra encarnada,  
o que chegou de fora  
porque soava dentro.  
Ou não seremos, língua?

E o fogo da espécie,  
horizonte e passado.

## No hay día de la muerte

a la memoria de  
José Augusto Seabra

*Inmóvil, incesante,  
la muerte, árida, impura.*

*Infiel, infame, injusta,  
la dura muerte dura.*

*Impaciente, infecunda,  
la inútil muerte, muda.*

*Indudable, no duda  
la muerte ávida y pura.*

## Epifanía

*Como luz en la luz  
suena el invierno, al sol.  
Serena madurez,  
sabor desnudo  
que suspende y sostiene  
sin sospechar que sabe,  
secreto, sólo en sí,  
siente sin sentimiento,  
a simple sed,  
a simple ser,  
solo y sumo en el sol  
sagrado del silencio  
seco, soberbio, suelto  
sobre ese frío encendido.*

## Não há dia da morte

*na lembrança do  
José Augusto Seabra*

Imóvel, incessante,  
a morte, árida, impura.

Infidel, infame, injusta,  
a dura morte dura.

Impaciente, infecunda,  
a inútil morte, muda.

Não duvida, e é sem dúvida,  
a morte ávida e pura.

## Epifania

Qual luz dentro da luz  
soa o inverno, ao sol.  
Serena madurez,  
sabor desnudo  
que suspende e sustenta  
sem suspeitar que sabe,  
secreto, só em si,  
sente sem sentimento,  
a simples sede,  
a simples ser,  
só e sumo no sol  
sagrado do silêncio  
seco, soberbo, solto  
sobre esse frio incendiado.

## Antropofagia

*Sobre la playa apenas mancillada, casi virgen aún, no espanta el pie de Viernes sino la implícita amenaza: otros, el Otro, que acaso nos incluye.*

## En lo alto de la colina de los pájaros

*El mismo mar, después de todo, de cobalto entre ramas, a esta hora. Y el sordo retumbar del tsunami al otro lado del planeta, rebelión de la Tierra, tortura que la Tierra se inflige, sin proyecto ni enigma.*

*Aquí las golondrinas abrumadas de calor continúan trazando de improviso, aceleradas, en la comba del aire, la precisa fugacidad de sus ondas de vuelo. Y hay torcacitas, loros, tijeretas, palomas, tordos, chalchalersos, gaviotas y hasta desconocidos de vistoso plumaje, de bellos pardos y aún grises, revoloteando indiferentes, abajo o en lo alto, volando desplegados, entre el mar y nosotros.*

*Entre el azar y la necesidad.*

## Consecuencias

*Un día, mirando sin haberlo previsto el hueco entre el pulgar y el índice de mi mano derecha, yo me he visto latir. Es decir, me he sorprendido vivo, he visto a la vida haciendo su trabajo, a mi cuerpo haciendo su trabajo, por su cuenta, sin que yo tuviera nada que ver en todo eso.*

## Antropofagia

Sobre a praia apenas esflorada, quase virgem ainda, não espanta o pé de Sexta-Feira senão a implícita ameaça: outros, o Outro, que acaso nos inclui.

## No alto da colina dos pássaros

O mesmo mar, depois de tudo, de cobalto entre ramos, a esta hora. E o surdo retumbar do tsunâmi do outro lado do planeta, rebelião da Terra, tortura que a Terra se inflige, sem projeto nem enigma.

Aqui as andorinhas angustiadas de calor continuam traçando de improviso, aceleradas, na curva do ar, a precisa fugacidade de suas ondas de vôo. E há trocazes, louros, tesourinhas, pombas, tordos, zorzais, gaivotas e até desconhecidos de vistosa plumagem, de belos pardos e também grises, revolteando indiferentes, embaixo ou no alto, voando desenvoltos, entre nós e o mar.

Entre o acaso e a necessidade.

## Conseqüências

Um dia, fitando impremeditadamente o vão entre o polegar e o índice de minha mão direita, *eu me vi pulsando*. Quer dizer, me surpreendi vivo, vi a vida fazendo o seu trabalho, meu corpo fazendo o seu trabalho, por sua conta, sem que eu tivesse nada que ver *com tudo isso*.

## Coda a los ganados y a las mieses

*Atrás quedó el futuro.*

*El mañana fue ayer.*

*Nuestras horas no incluyen  
porvenir ni horizonte.*

*Hubo un tiempo en que había  
olores de esperanza.*

*Hoy es haber perdido  
lo que ayer fue mañana.*

*Hubo. Ya no hay. Ni aquellos  
sueños que nos soñaban  
hoy se dejan soñar.*

*De haber sido futuro  
henos sólo pasado.  
Pasado del futuro.*

*“Ese no puede ser, sido.”*

CÉSAR VALLEJO

## Coda aos gados e às messes

Atrás ficou o futuro.  
Foi ontem o amanhã.  
Não entra em nossas horas  
porvir nem horizonte.

Houve um tempo em que havia  
odores de esperança.  
Hoje é haver perdido o  
que ontem foi amanhã.

Houve. Não mais. Nem mesmo os  
sonhos que nos sonhavam  
se deixam já sonhar.

De haver sido futuro  
eis-nos tão-só passado.  
Passado do futuro.

*“Ese no puede ser, sido.”*

CÉSAR VALLEJO



W. H. Auden

# Poemas da língua inglesa

TRADUÇÃO DE  
BENEDICTO FERRI DE BARROS

## ~ Prefácio

Reúno aqui, no estado em que hoje se encontram, a tradução de 176 poemas da língua inglesa. Uns poucos incompletos, grande número dependendo de uma revisão final que jamais termina. Por isso mesmo, apresento-os como hoje estão.

Na escolha dos poemas e dos poetas não obedeci a nenhum critério corrente. Apenas traduzi poetas e poemas que me encantaram, à medida que os conheci e quis conhecê-los melhor.

A tradução é um tipo especial de prazer: é a maneira mais profunda e íntima de se conviver com o poeta e o poema e sentir mais intensamente sua poesia. Assim praticada, como prazer, a tradução não tem objetividade alguma: ela é necessariamente a maneira não só pela qual lemos o poema, como a maneira pela qual somos capazes de dizê-lo em nossa língua.

Entretanto, pode-se ser mais – ou menos – fiel ao original, e mais ou menos feliz na linguagem encontrada para se falar em nossa lín-

Dos 176 poemas traduzidos foram selecionados, para este número da *Revista Brasileira*, os poemas de H. W. Auden e Dylan Thomas.

gua o poema original. Em qualquer tradução esta fidelidade impõe uma opção indeclinável: ser-se mais fiel à poesia, ao sentido e ao *pathos* do original, ou tentar-se dar em nossa língua uma versão formal a mais próxima possível do original. Por outras palavras: ou se prefere reproduzir a poesia, ou os versos originais. Seria ideal ser-se fiel ao fundo e à forma, simultaneamente; mas isto, sim, é impossível em qualquer tradução de poesia.

Pessoalmente, sempre que é indeclinável optar, opto pela poesia, rejeitando a mímica da forma original. A mimese da versejação, buscada à *outrance*, frequentemente adultera o sentido do poema, dizendo o que o poeta não disse, descambando em muitos casos para o infiel, o falso e até o grotesco.

Por isso, penso que toda tradução deve ser acompanhada de seu original e, em segundo lugar, acho que deva haver o maior número possível de traduções de um mesmo poema, pois, inevitavelmente, cada uma apanhará detalhes e nuances não captados ou não transmitidos pelas outras.

O bom, mesmo, é que, com a edição bilíngüe, o leitor consiga, lendo a tradução e se reportando imediatamente ao original, reconstituir no seu próprio entendimento e na sua própria sensibilidade o poema como o sentiu e disse seu autor. Não passa o tradutor de um bordão, de um auxiliar, de um guia, que nunca lê o original como outro leitor o faria e que nem sempre é capaz de dizê-lo em sua própria língua com a felicidade com que o poeta o fez na sua.

W. H. AUDEN

## I<sup>st</sup> september 1939

*I sit in one of the dives  
On the Fifty-second Street  
Uncertain and afraid  
As the clever hopes expire  
Of a low dishonest decade:  
Waves of anger and fear  
Circulate over the bright  
And darkened lands of the earth,  
Obsessing our private lives;  
The unmentionable odour of death  
Offends the September night.*

*Acurate scholarship can  
Unearth the whole offence  
Fom Luther until now  
That has driven a culture mad,  
Find what occurred at Linz,  
What hugh imago made  
A psychopatic god:  
I and the public know  
What all schoolchildren learn,  
Those to whom evil is done  
Do evil in return.*

*Exiled Thucydides knew  
All that a speech can say  
About Democracy,  
And what dictators do,  
The elderly rubbish they talk  
To an apathetic grave;*

## I.º de setembro de 1939

Incerto e temeroso  
sento-me a um dos parapeitos  
da 52.<sup>a</sup> Avenida  
quando falecem as espertas esperanças  
de uma década baixa e desonesta:  
ondas de ira e medo circulam  
sobre as brilhantes e sombrias terras do planeta  
obsedando nossas vidas.  
O inominável cheiro da morte  
conspurca a noite de setembro.

Estudos acadêmicos precisarão  
o fatal erro que enlouqueceu uma cultura  
desde Lutero aos nossos dias,  
revelarão o acontecido em Linz,  
que imago enorme engendrou  
um deus psicopático.  
O povo e eu sabemos  
o que as crianças aprendem nas escolas:  
quem faz o mal recebe-o de volta.

Tucídides exilado sabia tudo  
o que dizer se pode sobre a democracia,  
o que esperar de ditadores,  
o lixo que revolvem  
de um túmulo apático.  
Tudo está em seu livro.  
A racionalidade repelida  
a inculcação de hábitos

*Analysed all in his book,  
The enlightenment drive away,  
The habit forming pain,  
Mismanagement and grief;  
We must suffer them all again.*

*Into this neutral air  
Where blind skyscrapers use  
Their full height to proclaim  
The strenght of Collective Man,  
Each language pours its vain  
Competitive excuse:  
But who can live for long  
In an euphoric dream;  
Out of the mirror they stare,  
Imperialism's face  
And the international wrong.*

*Faces along the bar  
Cling to their average day:  
The lights must never go out,  
The music must always play,  
All the conventions conspire  
To make this fort assume  
The furniture of home;  
Leste we should see where we are,  
Lost in a haunted wood,  
Children afraid of the night  
Who have never been happy or good.*

*The windiest militant trash  
Important Persons shout  
Is not so crude as our wish:*

malversações e luto –  
por tudo isso teremos de passar de novo.

Neste ar neutro  
em que arranha-céus se elevam cegos para o céu  
a fim de proclamar a força do Homem Coletivo,  
em cada língua se proclamam desculpas conflitantes.  
Quem entretanto pode viver indefinidamente  
num sonho eufórico?  
O espelho nos devolve a face do imperialismo,  
do erro universal.

No bar, se aferram os rostos  
aos rictus rotineiros.  
Devem as luzes continuar acesas  
e a música tocando.  
As convenções se mancomunam  
para que a fortaleza conserve a aparência de um lar.  
Para que não vejamos  
em que lugar nos encontramos:  
numa assombrada floresta  
como crianças assustadas  
em noites que não são boas  
e muito menos felizes.

Personagens importantes  
nos afirmam que o lixo  
de hordas militantes  
é menos rijo que somos;  
o que o louco Nijinsky disse  
de Diaghilev é a verdade  
sobre todo ser humano,

*What mad Nijinsky wrote  
About Diaghilev  
Is true of the normal heart;  
For the error bred in the bone  
Of each woman and each man  
Craves what it cannot have,  
Not universal love  
But to be loved alone.*

*From the conservative dark  
Into the ethical life  
The dense commuters come,  
Repeating their morning vow;  
'I will be true to the wife  
I'll concentrate more on my work.  
And helpless governors wake  
To resume their compulsory game:  
Who can release them now,  
Who can reach the deaf,  
Who can speak for the dumb?*

*Defenceless in the night  
Our world in stupor lies;  
Yet, dotted everywhere,  
Ironic points of light  
Flash out wherever the Just  
Exchange their messages:  
May I, composed like them  
Of Eros and of dust  
Beleaguered by the same  
Negation and despair,  
Show an affirming flame.*

pois o erro medular de cada homem e mulher  
 aspira não a querer amor universal  
 mas ao que não pode ter:  
 de ser amado sozinho.

Do lado conservador  
 a onda dos comutantes  
 invade a vida moral  
 com sua prece matinal:  
 “Serei fiel à esposa  
 Me esforçarei no trabalho.”  
 Os chefes atarantados  
 pelas manhãs reassumem  
 sua rotina habitual.  
 Quem pode desonerá-los?  
 quem pode falar aos surdos?  
 e pelos mudos falar?

Nosso mundo estuporado  
 jaz indefeso na noite.  
 Contudo, pontos de luz  
 cintilam por toda a parte  
 onde quer que haja um justo  
 emitindo sua mensagem.

Só de amor e poeira  
 como eles feito,  
 eu possa a eles juntar-me  
 e sitiado por iguais  
 negação e desespero,  
 só de amor e poeira  
 compor um raio de luz.

## Law like love

*Law, say the gardeners, is the sun,  
Law is the one  
All gardeners obey  
To-morrow, yesterday, to-day.*

*Law is the wisdom of the old  
The impotent grandfathers feebly scold;  
The grandchildren put out a treble tongue,  
Law is the senses of the young.*

*Law, says the priest with a priestly look,  
Expounding to an unpriestly people  
Law is the words in my priestly book,  
Law is my pulpit and my steeple.  
Law, says the judge as he looks down his nose,  
Speaking clearly and most severely,  
Law is as I've told you before,  
Law is as you know I suppose  
Law is but let me explain once more,  
Law is The Law.*

*Yet law-abiding scholars write;  
Law is neither wrong nor right,  
Law is only crimes  
Punished by places and by times,  
Law is the clothes men wear  
Anytime, anywhere,  
Law is Good-morning and Good night.*

## A lei como o amor

A lei é o sol  
O jardineiro diz  
A lei é ele  
Que os jardineiros todos  
Hoje, amanhã, depois, obedecem.

A lei é a sapiência obsoleta  
O impotente ralho esganiçado dos avós;  
Os netos peidorreiam com a língua:  
Os moços é que sabem qual a lei.

A lei – o sacerdote prega  
Com ar sacerdotal à plebe ímpia –  
A lei são as palavras de meu livro  
O que do púlpito prego à diocese.

A lei, diz o juiz sobre o nariz olhando  
Falando claramente e com firmeza:  
Como lhes disse, a lei,  
Como bem sabem, a lei, pois bem:  
Mais uma vez lhes digo –  
A lei é lei.

Não obstante os mestres de direito  
Explicam – a lei não é direita  
Nem errada: a lei são simplesmente  
Crimes que tempos e lugares penalizam;  
A lei são hábitos vestidos pelos homens  
A toda a hora em diferentes climas  
Bom-dia e boa-noite é lei.

*Others say, Law is our Fate;  
Others say, Law is our State;  
Others say, others say  
Law is no more  
Law has gone away.*

*And always the loud angry crowd  
Very angry and very loud,  
Law is We,  
And always the soft idiot softly Me.*

*If we, dear, know we know no more  
Than they about the law,  
If I no more than you  
Know what we should and should not do  
Except that all agree  
Gladly or miserably  
That the law is  
And that all know this,  
If therefore thinking it absurd  
To identify Law with some other word,  
Unlike so many men  
I cannot say Law is again,  
No more than they can we suppress  
The universal wish to guess  
Or slip out of our own position  
Into an unconcerned condition.  
Although I can at least confine  
Your vanity and mine  
To stating timidly*

Dizem terceiros: a Lei é nosso Fado;  
E outros: a Lei é o nosso Estado;  
Outros repetem, repetem:  
Não há mais lei.  
Ora! a lei...

E a multidão ululante  
Vituperante vocifera  
“Somos a lei.”  
E o idiota reitera:  
“A lei sou eu.”

Se bem sabemos nós, querida,  
Que mais que eles não sabemos  
Sobre a lei, e eu não sei  
Mais que você o que devemos  
E o que não fazer – se não  
Que alegre ou miseravelmente  
Estamos todos de acordo  
Em que há lei e todos sabem disso,  
Se nos parece absurdo assimilar a Lei  
A qualquer outra coisa,

Diversamente de tantos  
Sou incapaz de dizer  
Que a lei existe de novo;  
Não mais que eles podemos  
Deter a paixão de adivinhar  
Ou escapar do que somos  
Para um não se preocupar.

*A timid similarity,  
We shall boast anyway:  
Like love I say.*

*Like love we don't know where or why,  
Like love we can't compel or fly,  
Like love we often weep,  
Like love we seldom keep.*

Inobstante posso confinar  
Sua vaidade e a minha  
A tímida asserção  
De posição similar:  
De sobre amor.

Ignoramos também do amor  
onde e quando.  
Também do amor não podemos  
obrigar ou fingir.  
Também do amor  
Muitas vezes choramos  
E muito pouco, também,  
Do amor guardamos...

In memory of W. B. Yeats  
(Jan. 1939)

I

*He disappeared in the dead of winter:  
The brooks were frozen, the airports almost deserted,  
An snow disfigured the public statues;  
The mercury sank in the mouse of the dying day.  
What instruments we have agree  
The day of his death was a dark cold day.*

*Far from his illness  
The wolves ran on through the evergreen forests,  
The peasant river was untempted by the fashionable quays;  
By mourning tongues  
The death of the poet was kept from his poems.*

*But for him it was his last afternoon as himself,  
An afternoon of nurses and rumours;  
The provinces of his body revolted,  
The squares of his mind were empty,  
Silence involved the suburbs,  
The current of his feeling failed; he became his admirers.*

*Now he is scattered among a hundred cities  
And whole given over to unfamiliar affections,  
To find his happiness in another kind of wood  
And be punished under a foreign code of conscience.  
The words of a dead man  
Are modified in the guts of the living.*

## À memória de W. B. Yeats (Jan. 1939)

### I

Ele se foi no vértice do inverno:  
quando os riachos estavam congelados  
vazios quase os aeroportos;  
quando a neve desfigurava estátuas públicas  
e ao cair do dia o mercúrio despencava.  
Os instrumentos todos acusaram  
que este dia foi sombrio e frio – muito frio.

Alheios à sua doença, nas florestas verdejantes  
os lobos prosseguiram em suas correrias;  
o rio campesino não se deteve nos cais ultramodernos  
nem os lamentos associaram a morte do poeta a seus poemas.

Mas para ele foi esta a tarde derradeira como Yeats,  
tarde de enfermeiras e de sussurros.  
Revoltaram-se as províncias de seu corpo  
esvaziaram-se as praças de sua mente  
e o silêncio invadiu os seus subúrbios;  
interrompeu-se a torrente de seus sentimentos  
restaram dele os admiradores.

Agora ele disperso está entre centenas de cidades,  
completamente entregue a inusitados sentimentos  
buscando ser feliz em terra de outro tipo  
e ser punido por outro tipo de consciência.  
O que um morto disse assume outro sentido

*But in the importance of to-morrow  
When the brokers are roaring like beasts on the floor of the  
Bourse,  
And the poor have the sufferings to which they are fairly accustomed,  
And each in the cell of himself is almost convinced of his  
freedom,  
A few thousand will think of this day  
As one thinks of a day when one did something slightly unusual.  
What instruments we have agree  
The day of his death was a dark cold day.*

II

*You were silly like us; your gift survived it all:*

*The parish of rich women, physical decay,  
Yourself. Mad Ireland hurt you into poetry.  
Now Ireland has her madness and her weather still,  
For poetry makes nothing happen: it survives  
In the valley of its making were executives  
Would never want to tamper, flows on south  
From ranches of isolation and the busy griefs,  
Raw towns that we believe and die in; it survives,  
A way of happening, a mouth.*

III

*Earth, receive an honoured guest:*

*William Yeats is laid to rest.  
Let the Irish vessel lie  
Emptied of its poetry.*

nas vísceras dos vivos.  
 Mas no ruído importante do amanhã,  
 quando na Bolsa os corretores como animais rugirem,  
 e os pobres conservarem os sofrimentos a que se acham  
 acomodados,  
 e em sua concha cada um sentir-se quase livre,  
 alguns, poucos milhares, lembrarão de hoje  
 como de um dia quando se fez alguma coisa inusitada.  
 Concordam todos nossos instrumentos  
 Que o dia de sua morte foi dia escuro e demasiado frio.

II

Foste tolo como somos; teu dom porém sobreviveu a tudo:

à paróquia das mulheres ricas, à decadência física,  
 a ti próprio. A Irlanda louca impeliu-te à poesia  
 e continua louca e com seu louco clima, pois a poesia  
 não desfecha em nada; sobrevive apenas no seio do seu vale  
 no qual executivos jamais se atreveriam,  
 e derivando de ranchos e pesares isolados, passa ao largo  
 das pólis rústicas em que acreditamos e morremos  
 como um jeito de acontecer, como uma voz.

III

Recebe, Terra, um hóspede honorável:

William Yeats repousa sobre ti.  
 Fica a Irlanda sem sua poesia.

*In the nightmare of the dark  
All the dogs of Europe bark,  
And the living nations wait,*

*Each sequestered in its hate;  
Intellectual disgrace  
Stares from every human face,  
And the seas of pity lie  
Locked and frozen in each eye.*

*Follow poet, follow right  
To the bottom of the night,  
With your unconstraining voice  
Still persuade us to rejoice;*

*With a farming of a verse  
Make a vineyard of the curse,  
Sing of human unsuccess  
In a rapture of distress;*

*In the deserts of the heart  
Let the healing fountain start,  
In the prison of his days  
Teach the free man how to praise.*

Na escuridão, todos os cães da Europa  
latem seu pesadelo e as nações se encolhem  
no esconso de seus ódios.

Em cada face estampa-se o pesar da inteligência  
e oclusos, congelados, jazem nos olhos  
os mares da piedade.

Ide, poeta, diretamente ide à escuridão da noite  
e continue sua voz a conclamar  
que nos rejubilemos.

Da maldição fazei uma vindima ao cultivar um verso,  
cantai o insucesso humano  
num arrebatamento de inconformidade.

Fazei brotar no coração humano a fonte saneadora  
e ensina o homem livre a louvar  
o calabouço de seus dias.

## Lullaby

*Lay your sleeping bead, my love,  
Human on my faithless arm;  
Time and fevers burn away  
Individual beauty from  
Thoughtful children, and the grave  
Proves the child ephemeral:  
But in my arms till break of day  
Let the living creature lie,  
Mortal, guilty, but to me  
The entirely beautiful.*

*Soul and body have no bounds:  
To lovers as they lie upon  
Her tolerant enchanted slope  
In their ordinary swoon,  
Grave the vision Venus sends  
Of supernatural sympathy,  
Universal love and hope:  
While an abstract insight wakes  
Among the glaciers and the rocks  
The hermit's sensual ecstasy.*

*Certainty, fidelity  
On the stroke of midnight pass  
Like vibrations of a bell  
And fashionable madmen raise  
Their pedantic boring cry:  
Every farthing of the cost,  
All the dreaded cards foretell,*

## Acalanto

Repousa meu amor tua sonolenta cabeça  
sobre meu braço infiel:  
tempo e febres consomem  
a beleza das crianças sonhadoras  
e a tumba mostra que as crianças  
são efêmeras – contudo, até que surja  
o dia, repouse entre meus braços  
a viva criatura, mortal e pecadora, sim,  
mas para mim eternamente bela.

Não há limites entre corpo e alma:  
para os amantes que repousam  
da íngreme escalada em seu comum desmaio,  
Vênus concede tolerante uma visão  
de esperança, de simpatia sobrenatural,  
de universal amor; enquanto entre  
rochedos e glaciares  
uma abstrata intuição desperta  
um êxtase sensual nos eremitas

Certeza, fidelidade, soada a meia-noite  
ao murmurar do dia se dissipam  
e os pomposos idiotas do momento  
repetem sua pedante advertência:  
cada centavo do custo, como está dito  
nas cartas, há – de se pago – mas  
desta noite um pensamento, um sussurro,  
um beijo e um olhar sequer sejam perdidos.

*Shall be paid, but from this night  
Not a whisper, not a thought,  
Not a kiss nor look be lost.*

*Beauty, midnight, vision dies:  
Let the winds of dawn that blow  
Softly round your dreaming head  
Such a day of sweetness show  
Eye and knocking heart may bless,  
Find the mortal world enough;  
Noons of dryness see you fed  
By the involuntary powers,  
Nights of insult let you pass  
Watched by every human love.*

## Epitaph on a tyrant

*Perfection, of a kind, was what he was after  
And the poetry he invented was easy to understand;  
He knew human folly like the back of his hand,  
And was greatly interested in armies and fleets;  
When he laughed, respectable senators burst with laughter,  
And when he cried the little children died in the streets.*

Beleza, meia-noite, visão, tudo perece:  
deixa que as brisas matinais  
que passam sobre tua cabeça sonhadora  
suavemente te mostrem quão doce é este dia;  
que teu olhar e coração feridos reconheçam  
quanto é mortal o mundo – em demasia;  
que os meios-dias áridos te encontrem  
pelos poderes telúricos nutrida  
e sobre ti deixa rolar os pesadelos  
sob a vigília de todo humano amor.

## Epitáfio para um tirano

Ele buscava perfeição (de um certo tipo).  
A poesia que inventava era entendida fácil.  
Conhecia a loucura (dos homens) como as próprias mãos.  
Como ninguém, se interessava por exércitos e armadas.  
Quando sorria, respeitáveis senadores explodiam em gargalhadas.  
E quando ele chorava criancinhas morriam nas calçadas.

## Chorus

(From *The Dog Beneath the Skin*)

*Happy the hare at morning, for she cannot read  
The Hunter's waking thoughts. Lucky the leaf  
Unable to predict the fall. Lucky indeed  
The rampant suffering suffocating jelly  
Burgeoning in pools, lapping the grits of the desert,  
The elementary sensual cures,  
The hibernations and the growth of hair assuage:  
Or best of all the mineral stars disintegrating quietly into  
light  
But what shall man do, who can whistle tunes by heart,  
Know to the bar when death shall cut him short, like the cry  
of the shearwater?  
We will show you what he has done.  
How comely are his places of refuge and the tabernacles  
of his peace,  
The new books upon the morning table, the lawns and the  
afternoon terraces!  
Here are the playing fields where he may forget his  
ignorance  
To operate within a gentleman's agreement: twenty-two  
have here a certain licence.  
Here are the thickets where accosted lovers combatant  
May warm each other with their wicked hands,  
Here are the avenues for incantation and workshops for the  
cunning engravers.  
The galleries are full of music, the pianist is storming  
the keys,  
The great cellist is crucified over his instrument,  
That none may hear the ejaculations of the sentinels  
Nor the sigh of the most numerous and the most poor; the thud of their falling bodies  
Who with their lives have banished hence the serpent and the  
faceless insect.*

## Coro

Feliz a lebre incapaz de ler  
As matutinas intenções do caçador.  
Feliz a folha que não presente a queda.  
Feliz, feliz de fato, a sufocante, exuberante  
Geléia esverdeada jazente nas lagoas  
Os líquens que revestem as pedras no deserto,  
As curas sensuais, elementares,  
Os pêlos que hibernam para crescer depois  
E – mais que tudo – as minerais estrelas  
Se desfazendo quietamente em luz.  
Mas que fará o homem capaz de assobiar na solidão?  
Saber de cor – como se ouvira o grito de uma procelária –  
Quando virá sua morte o amputar?  
Repare o que ele fez:  
Quão elegantes seus nichos de refúgio, seus tabernáculos de paz,  
Os livros novos sobre a mesa matinal  
Seus gramados novos sobre a mesa matinal  
Seus gramados, suas varandas vesperais!  
Eis seus campos de esporte onde pode olvidar  
Sua ignorância e com a convivência de seus pares  
Dentro de regras cometer cem erros.  
Repare nos complacentes acolchoados onde deitados  
Os amorosos combatentes com suas mãos perversas se acalentam.  
Veja as aldeias para o encantamento  
E as oficinas onde se aplicam hábeis gravadores.  
Cheias de música estão as galerias,  
O pianista tempestua sobre as teclas,  
O virtuose está crucificado sobre o seu violoncelo  
o seu violoncelo  
Para que se não ouça bradar as sentinelas  
Nem o suspiro da legião dos pobres,  
Nem o baque dos seus corpos quando tombam,  
Eles, que com sua vida permitiram  
Se mantivesse à distância a serpente e o verme inominável.

## The quest

*All had been ordered weeks before the start  
From the best firms at such work; instruments  
To take the measure of all queer events,  
And drugs to move the bowels or the heart.*

*A watch, of course, to watch impatience fly,  
Lamps for the dark and shades against the sun;  
Foreboding too insisted on a gun  
And colored beads to soothe a savage eye.*

*In theory they sound on Expectation  
Had there been situations to be in:  
Unluckily they were their situation:*

*One should not give a poisoner medicine,  
A conjurer fine apparatus, nor  
A rifle to a melancholic bore.*

## O laudo

Semanas antes da partida  
As encomendas tinham sido colocadas  
Entre as melhores firmas: os instrumentos  
Necessários à medida dos mais inusitados  
Fatos, medicamentos para acionar  
Os intestinos ou – fosse o caso – o coração.

Um medidor para medir passar a impaciência;  
Para o escuro, lâmpadas, e sombras contra o sol;  
Contra a premonição levava-se um revólver  
E contas coloridas para aplacar olhos selvagens.

Houvesse situações a enfrentar,  
Tudo, em teoria, achava-se previsto,  
Mas, desgraçadamente, a si próprios  
Não previram:

Que armas não se dão a assassinos  
Equipamentos a conjuradores  
Veneno a hipocondríacos.

## The novelist

*Encased in talent like a uniform,  
The rank of every poet is well known;  
They can amaze us like a thunderstorm,  
Or die so young, or live for years alone.*

*They can dash forward like hussars: but he  
Must struggle out of his boyish gift and learn  
How to be plain and awkward, how to be  
One after whom none think it worth to turn.*

*For, to achieve his lightest wish, he must  
Become the whole of boredom, subject to  
Vulgar complaints like love, among the Just.  
Be just, among the Filthy filthy too,  
And in his own weak person, if he can,  
Must suffer dully all the wrongs of Man.*

## O novelista

O fado do poeta constringido  
à farda do talento é conhecido:  
pode espantar-nos como um temporal  
ou morrer moço  
ou muitos anos viver na solidão.

São capazes de cargas como hussares;  
ele, porém, a partir de um dom pueril,  
é obrigado a lutar para aprender  
a ser simples e estranho, alguém  
que ninguém julgue digno imitar.

Pois para alcançar seu mínimo desejo  
terá de mergulhar no tédio o mais profundo,  
de se infectar de coisas como o amor,

ser justo entre os justos, imundo  
entre os imundos, e embora frágil,  
se possível provar todos os males  
correntes entre os homens.



∞ DYLAN THOMAS

## A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London

*Never until the mankind making  
Bird beast, and flower  
Fathering and all humbling darkness  
Tells, with silence the last light breaking  
And the still hour,  
Is come of the sea, tumbling in harness*

*And I must enter again the round  
Zion of the water bead  
And the synagogue of the ear of corn  
Shall I let pray, the shadow of a sound  
Or sow my salt seed  
In the least valley of sackcloth to mourn*

*The majesty and burning of the child's death.  
I shall not murder  
The mankind of her going with a grave truth  
Nor blaspheme down the stations of the breath  
With any further  
Elegy of innocence and youth.*

*Deep with the first dead lies London's daughter,  
Robed in the long friends,  
The grains beyond age, the dark veins of her mother,  
Secret by the unmourning water  
Of the riding Thames.  
After the first death, there is no other.*

## Recusa de carpir a morte de uma criança pelo fogo em Londres

Não antes que a geração de humanidade  
E a gestação de flores, aves e animais  
E toda humilde escuridão com seu silêncio diga  
Que a derradeira aparição da luz e a derradeira hora  
Do mar vieram tropegando em seus jaezes

E eu deverei me recolher de volta ao Sião  
Da gota germinal do mar e à sinagoga do germe primordial  
Emitirei a sombra de um murmúrio ou plantarei  
O sal de uma semente minha no derradeiro vale  
De uma roupagem de burel, para carpir

A majestade da criança que morreu queimada.  
Não apunhalarei a humanidade com a verdade grave  
De sua ida, nem aos limites de meu fôlego blasfemarei  
Uma elegia a mais da inocência e juventude.

De seus velhos amigos amortalhada,  
No que foi, independentemente da sua idade,  
No secreto silêncio das águas rolantes do Tâmsa  
Que não chora, com o primeiro morto jaz a menina de Londres:  
Depois que houve a primeira, não há segunda morte.

## Do not go gentle into that good night

*Do not go gentle into that good night,  
Old age should burn and rave at close of day;  
Rage, rage against the dying of the light.*

*Though wise men at their end know dark is right,  
Because their words had forked no lightning they  
Do not go gentle into that good night.*

*Good men, the last wave by, crying how bright  
Their frail deeds might have danced in a green bay,  
Rage, rage against the dying of the light.*

*Wild men who caught and sang the sun in flight,  
And learn, too late, they grieved it on its way,  
Do not go gentle into that good night.*

*Grave men, near death, who see with blinding sight  
Blind eyes could blaze like meteors and be gay,  
Rage, rage against the dying of the light.*

*And you, my father, there on the sad height,  
Curse, bless, me now with your fierce tears, I pray.  
Do not go gentle into that good night.  
Rage, rage against the dying of the light.*

## Não vos deixeis levar a essa noite boa docilmente

Não vos deixeis levar a essa noite boa docilmente.  
Devera a idade delirar e comburir-se ao se encerrar o dia.  
Irai-vos contra esse morrer das luzes.

Conquanto saiba aos sábios boa no seu fim a escuridão  
Por não se terem feito luzes suas palavras, nem assim  
Se vão por essa noite boa adentro docilmente.

Homens bons, ao se escoar a derradeira vaga,  
Bradando quanto seus pobres feitos não brilhariam  
Numa baía plácida, se iram contra esse morrer das luzes.

Homens ferozes, que em seus vôos flecharam contra o sol  
E o cantaram e só se deram conta muito tarde de o terem molestado  
Não vão por essa noite boa adentro docilmente.

Homens austeros, próximos da morte, que com suas vistas mortíferas  
Finalmente enxergam que olhos cegos poderiam também brilhar de alegria  
Clamam irados contra o cerrar das luzes.

E vós, meu pai, que estais nesse soturno píncaro,  
Amaldiçoai, bendizei-me com vossas lágrimas ferozes.  
Eu vos imploro: não ide mansamente a noite boa adentro.  
Irai, clamai, contra o morrer das luzes.